

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
ESPECIALIZAÇÃO EM FILOSOFIA CLÍNICA

JOÃO BOSCO GOUTHIER SABBAG
KEROLIEM MARCELINO SOUSA

“COMO O MUNDO LHE PARECE?”
UMA CONTEXTUALIZAÇÃO FILOSÓFICA DO UNIVERSO EM ANNE FRANK

ANÁPOLIS – GO
2018

JOÃO BOSCO GOUTHIER SABBAG
KEROLIEM MARCELINO SOUSA

“COMO O MUNDO LHE PARECE?”
UMA CONTEXTUALIZAÇÃO FILOSÓFICA DO UNIVERSO EM ANNE FRANK

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção de título de Pós-graduação em Filosofia Clínica, sob a orientação da Professora Carla Rosane Hagemann.

ANÁPOLIS – GO
2018

JOÃO BOSCO GOUTHIER SABBAG
KEROLIEM MARCELINO SOUSA

“COMO O MUNDO LHE PARECE?”
UMA CONTEXTUALIZAÇÃO FILOSÓFICA DO UNIVERSO EM ANNE FRANK

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção de título de Pós-graduação em Filosofia Clínica, sob a orientação da Professora Carla Rosane Hagemann.

Data da aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Carla Rosane Hagemann
ORIENTADORA

Prof^a Aracelly Rodrigues Loures Rangel
CONVIDADA

Prof^a Marisa Roveda
CONVIDADA

DEDICAMOS...

Ao Prof. Lúcio Packter pela genialidade da criação de uma metodologia tão importante para conhecer a profundidade do ser humano.

À Prof^a Carla Rosane Hagemann por ter tido tanto desprendimento a nos auxiliar.

Aos colegas, que assim como nós, tiveram que “suar” muito as suas mentes para concluir este trabalho.

À nossas famílias que nos “perderam” nas muitas horas de dedicação a este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Á DEUS, QUE TUDO É !!!!

Aos que nos auxiliaram a construir este Trabalho, e em especial:

Ao Prof. Lúcio, pela criação;

À Prof^a Carla, pela abnegação e dedicação;

Aos Professores (as) e colaboradores da FCA – Faculdade Católica de Anápolis, pela colaboração;

Ao “colega”, Filósofo Clínico, José Amorim de Oliveira Junior, por tanto incentivo;

Às nossas famílias por acreditar, pela paciência e pela inspiração;

E principalmente ao Mestre Maior, Jesus, que nos habita.

Nossos sinceros agradecimentos.

“Viver e não ter a vergonha de ser feliz, cantar e cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz.”

Gonzaguinha

RESUMO

O presente trabalho se propõe a trazer à tona, sob os olhares dos procedimentos de Filosofia Clínica, a questão primeira da sua Estrutura de Pensamento, ou seja, “de como o mundo lhe parece”, descrito pela personagem protagonista e também autora do livro: O diário de Anne Frank. A história foi vivenciada pela própria autora, quando de seu período aprisionada durante vários meses, em um esconderijo, fugindo das auguras da Segunda Guerra Mundial, até sua prisão num Campo de Concentração Nazista e consequente morte. As observações se basearam na descrição da historicidade da personagem, como se ela assim estivesse descrevendo normalmente em procedimentos de “Clínica”, no consultório. Aliou-se ainda a este raciocínio a contemplação dos ensinamentos, das formas e concepções filosóficas percebidas durante o já referido curso, tendo por base o método desenvolvido pelo Prof. Lúcio Packter. A metodologia da pesquisa caracteriza-se como atenta leitura, observação e entendimento do diário escrito pela personagem e transformado em “realidade”, como se estivesse num processo tradicional de Clínica Filosófica.

Palavras-chaves: Filosofia Clínica, Metodologia, Estrutura de Pensamento, Exames Categroriais, Tábua de Submodos, O diário de Anne Frank.

ABSTRACT

The present work proposes to bring to the surface, under the eyes of the procedures of Philosophical Clinic, the first question of its Structure of Thought, that is to say, "of how the world seems to it", described by the personage protagonist and also author of the book: Anne Frank's diary. The story was experienced by the author herself, during her imprisonment for several months, in a hiding place, fleeing the augurs of World War II, until her arrest in a Nazi concentration camp and consequent death. The remarks were based on the description of the character's historicity, as if she were describing it normally in "Clinic" procedures in the office. This reasoning was also associated with the contemplation of the teachings, of the philosophical forms and conceptions perceived during the aforementioned course, based on the method developed by Prof. Lúcio Packter. The research methodology is characterized as an attentive reading, observation and understanding of the diary written by the character and transformed into "reality", as if it were in a traditional process of Philosophical Clinic.

Keywords: Clinical Philosophy, Methodology, Thought Structure, Categorical Exams, Subordinate Table, O Anne Frank's diary.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	HISTORICIDADE.....	11
3	EXAMES DAS CATEGORIAS.....	18
3.1	CATEGORIA ASSUNTO	19
3.2	CATEGORIA LUGAR	20
3.3	CATEGORIA TEMPO.....	21
3.4	CATEGORIA CIRCUNSTÂNCIA	21
3.5	CATEGORIA RELAÇÃO	22
4	DADOS DIVISÓRIOS.....	23
4.1	PRIMEIRO MOMENTO	23
4.2	SEGUNDO MOMENTO.....	24
5	CONCLUSÃO.....	25
	REFERENCIAS	28

1 INTRODUÇÃO

Annelies Marie Frank (12 de junho de 1929 – fevereiro de 1945) foi uma adolescente alemã de origem judaica, vítima do Holocausto. Ela se tornou uma das figuras mais discutidas do século XX após a publicação do livro: “O Diário de Anne Frank” (1947), que tem sido a base para vários trabalhos acadêmicos e de estudo de personalidade, peças de teatro e filmes ao longo dos anos.

No período de ocupação da Holanda pelos nazistas, as famílias Frank e Van Daan, além do dr. Dussel, todos de origem judaica, refugiaram-se nos fundos de um estabelecimento comercial no centro da cidade de Amsterdam. Nesse esconderijo, essas pessoas permaneceram de julho de 1942 até agosto de 1944, quando foram descobertas. Durante esse período, Anne, a filha mais nova dos Frank, redigiu um diário onde registrou todo o tempo que ali viveram. Anne estava, no início de seu diálogo com Kitty — nome que deu ao diário —, com treze anos, momento importante para todo mundo; para o papel foram, então, todas as suas observações e preocupações com a vida e consigo mesma, o contato com o mundo, com a história e com o outro. Descoberto o Anexo Secreto, seus ocupantes foram presos, deixando no local seus pertences, que foram resgatados por amigos depois de algum tempo. Dentre os objetos ali deixados, encontrou-se o diário de Anne. Após o término da guerra, transformado em livro, o diário foi traduzido e divulgado ao mundo todo. (FRANK, Circulo do Livro São Paulo, Brasil Edição integral Título do original: "Het achterhuis" Tradução: Elia Ferreira Edel E-book: Digitalização: SCS, 2015.p5.)

Sua fama póstuma deu-se graças aos documentos em que relata suas experiências enquanto vivia escondida num quarto oculto, ao longo da ocupação alemã nos Países Baixos, durante a Segunda Guerra Mundial.

Foi opção, neste Trabalho de Conclusão de Curso, a proposta de um esclarecimento e da sequência de como poderiam ser os atendimentos a uma partilhante já falecida, que ao mesmo tempo é a escritora e a personagem protagonista do livro (motivo da pesquisa), baseados na metodologia da Filosofia Clínica. Também foram observadas diversas situações no campo pertinente a

Filosofia Clínica nos registros das pesquisas bibliográficas apontadas nas Referências deste Trabalho. As exposições da historicidade foram transformadas e percebidas como se fossem “faladas/expostas” ao vivo, e tendo-se a ciência de que a “ausência” da partilhante seria um impeditivo para um aprofundamento maior em busca de enraizamentos.

A primeira parte do Trabalho relata na sua historicidade inicial, como era a vida cotidiana de uma adolescente.

Numa segunda parte, e a partir do desdobramento dos acontecimentos e da sua vida contada no livro: “O diário de Anne Frank”, e dos diversos relatos apresentados, observa-se que os argumentos que compuseram a sua história, e dentro da qual, percebe-se sua “queixa”, o que faz sentido para procedimentos clínicos, como se ela estivesse em um consultório de Filosofia Clínica, apresentando-se à Tratamento.

2 HISTORICIDADE

A partir do livro *O Diário de Anne Frank*, foi possível ter acesso a uma pequena historicidade de Anne contada por ela mesma e pela colaboração de coautores, incluindo seu próprio Pai, que deu vida ao livro em questão.

Logo no início do seu diário, Anne começa contando fatos lembrados desde sua primeira infância, citando inclusive pessoas importantes na sua vida, até a inauguração do seu diário:

Meu pai, o pai mais adorável que conheço só se casou com minha mãe quando tinha 36 anos, e ela 25. Minha irmã Margot nasceu em Frankfurt am Main, na Alemanha em 1926. Eu nasci em 12 de junho de 1929. Morei em Frankfurt até completar 4 anos. Como éramos judeus, meu pai emigrou para a Holanda em 1933, quando se tornou o diretor administrativo da Dutch Opekta Company, que fabrica produtos para fazer geleia. Minha mãe, Edith Holländer Frank, juntou-se a ele na Holanda em setembro, enquanto Margot e eu fomos mandadas a Aachen, para ficarmos com nossa avó. Margot foi para Orlando em dezembro, e eu, em fevereiro, quando me puseram sobre a mesa como presente de aniversário para Margot.

Entrei imediatamente na pré-escola Montessori. Fiquei lá até os 6 anos, quando comecei a primeira série. Na sexta série, minha professora era Sra. Kuperus, a diretora. No fim do ano, nós duas choramos quando dissemos um adeus de partir o coração, porque me aceitaram no Liceu Israelita, que Margot também frequentava.

Levávamos uma vida cheia de ansiedade, pois nossos parentes na Alemanha estavam sofrendo com as leis de Hitler contra os judeus. Depois dos *pogroms* de 1938, meus dois tios (irmãos de minha mãe) fugiram da Alemanha, refugiando-se na América do Norte. Minha avó idosa veio morar conosco. Na época estava com 73 anos.

Depois de maio de 1940, os bons momentos foram poucos e muito divididos: primeiro veio a Guerra, depois, a capitulação, em seguida, a chegada dos alemães, e foi então que começaram o sofrimento dos judeus. Nossa liberdade foi gravemente restringida com uma série de decretos antisemitas: os judeus deveriam usar uma estrela amarela; judeus eram proibidos de andar nos bondes; os judeus eram proibidos de andar de carro, mesmo em seus próprios carros; os judeus deveriam fazer suas compras entre 3 e 5 horas da tarde; os judeus só deveriam frequentar Barbearias e salões de beleza de proprietários de judeus; os judeus eram proibido de sair às ruas entre oito da noite e seis da manhã; os judeus eram proibidos de frequentar teatros, cinemas ou ter qualquer outra forma de diversão; os judeus eram proibidos de ir à piscina, quadra de tênis, campos de hóquei ou a qualquer outro campo esportivo; os judeus eram proibidos de ficar em seus jardins ou nos de amigos depois das 8 horas da noite; os judeus eram proibidos de visitar casas de cristãos; os judeus deveriam frequentar escolas judias etc. Você não podia fazer isso nem aquilo, mas a vida continuava. Jacque sempre me dizia: eu não ousa fazer mais nada, porque tenho medo de ser algo proibido.

No verão de 1941, vovó ficou doente e precisou ser operada; por isso meu aniversário passou quase sem ser celebrado. No verão de 1940, também não tivemos muita coisa em meu aniversário, já que as lutas mal haviam terminado na Holanda. Vovó morreu em janeiro de 1942. Ninguém imagina quanto eu ainda penso nela e a amo. Essa festa de aniversário em 1942 deveria compensar as anteriores, e a vela de vovó foi acesa junto das outras.

Nós quatro ainda estamos bem, e isso me traz à data atual de 20 de junho de 1942, que é a inauguração solene de meu diário. (FRANK, 41 ed.2017. pp.20 e 21).

Das muitas lições que se pode aprender no estudo e na prática da Filosofia Clínica talvez a mais importante seja a arte de OUVIR, muito mais que falar. O trabalho do Filósofo Clínico é de muita intensidade, peculiaridade, atenção nos mínimos detalhes. A escutatória não é somente ouvir com os ouvidos, não somente ouvir as palavras, mas um todo, o conjunto da obra da vida, das declarações, falas, expressões, gestos... Ouvindo, o Filósofo Clínico busca a historicidade pela informação da matéria prima oferecida pelo partilhante. Ouvir não apenas as declarações,

mas também a subjetividade apresentada nas falas e declarações e demonstrações. Não importando o Conteúdo e sim a Forma.

Na análise da Historicidade, o Filósofo Clínico não deve se apegar a entendê-la como uma mera biografia, pois ela revela muito mais, demonstra a tendência da pessoa, o modo como a pessoa se estruturou, sua história, sucessos, fracassos, buscas, atos, atalhos, os princípios de verdade, as ilusões, as falsas verdades, a experimentação e muito mais.

Na historicidade é importante identificar os padrões no comportamento da pessoa, identificar como ela lidou com suas situações existenciais, como superou suas dificuldades, e que elementos estão presentes de forma positiva e ou negativa. Este aprendizado para entendimento da Historicidade foi fruto de observação atenta aos ensinamentos durante as aulas do Prof. Lucio Packter.

Na metodologia da Filosofia Clínica que traz para a observação do Filósofo Clínico, existem trinta tópicos dentro da Estrutura de Pensamento a serem atentamente observados na historicidade do partilhante. O tópico que muito marcou toda a trajetória da partilhante, Anne Frank e que passou inclusive a fazer parte do título deste trabalho, é “Como o mundo lhe parece”. Este tópico está ligado a aspectos relacionados a diversos pontos, assim como: sociedade, mundo, época e circunstância em que a partilhante viveu. Incluídos aí também aspectos de cultura, família, ambientes de trabalho ou moradia ou de vivências. Isto tudo na realidade é a história de Anne, observados no livro objeto base deste trabalho.

Sendo assim, salientaram-se alguns momentos que foram apresentados, referentes a este tópico, ditos pela Anne:

Querida Kitty, hoje de manhã, fui constantemente interrompida; por isso, não consegui terminar nada do que comecei. Temos um novo passatempo: encher pacotes de tempero em pó. O tempero é um dos produtos da Gies & Co. O Sr. Kugler não conseguiu mais ninguém para encher os pacotes e, além disso, fica mais barato se nós fizermos o serviço. É o tipo de trabalho feito nas prisões. É incrivelmente chato e deixa tudo mundo tonto e rindo à toa. Coisas terríveis estão acontecendo lá fora. A qualquer hora do dia ou da noite pessoas pobres e desamparadas são retiradas de suas casas. Não tem permissão de levar nem mesmo uma sacola com alguma coisa e um pouco de dinheiro, e, mesmo quando têm essas posses, lhe são roubadas no caminho. Famílias são rompidas; homens, mulheres e crianças são separados. Crianças chegam da Escola e descobrem que os pais desapareceram. Mulheres voltam das compras e descobrem as casas lacradas e que as famílias desapareceram. Os cristãos holandeses também estão com medo porque seus filhos são mandados à Alemanha. Todo mundo anda apavorado. Todas as noites centenas de aviões passam sobre a Holanda a caminho das cidades alemãs, para semear as suas bombas em solo alemão. Toda hora centenas, ou talvez milhares, de pessoas são mortas na Rússia e na África. Ninguém pode ficar longe do conflito, o mundo inteiro está em guerra, e mesmo com os Aliados se saindo melhor, o fim não está próximo. E quanto a nós, somos bastantes felizardos. Temos mais sorte que milhões de pessoas. Aqui é calmo e seguro, e estamos nosso dinheiro para comprar comida. Somos tão egoístas que falamos sobre “depois da guerra” e ficamos ansiosos por roupas e sapatos novos, quando deveríamos estar economizando cada centavo para ajudar os outros quando a guerra terminar, para salvar o que pudermos. As crianças deste bairro andam com camisas finas sapatos de madeira. Não tem casacos, nem capas, nem meias, nem ninguém para ajudá-las. Mordendo uma cenoura para acalmar as dores da fome, saem de suas casas frias e andam pelas ruas até salas de aula ainda mais frias. As coisas ficaram tão ruins na Holanda que hordas de crianças abordam os pedestres para implorar um pedaço de pão.

Eu poderia passar horas contando a você o sofrimento trazido pela guerra, mas só ficaria ainda mais infeliz. Só podemos esperar, com toda a calma possível, que ela acabe. Judeus e Cristãos esperam, o mundo espera, e muitos esperam a morte. (FRANK, 41 ed. 2017. pp. 97 a 99).

As pessoas comuns não sabem quanto os livros significam para alguém escondido. Nossas únicas diversões são ler, estudar e ouvir o rádio. (FRANK, 41 ed. 2017. p. 127).

Em outro trecho de sua historicidade ela diz sobre sua realidade, seu momento, como lhe parecia o mundo:

Hoje á noite, os canhões atiraram tanto que tive de juntar meus pertences quatro vezes. Hoje enchi uma mala com as coisas que vou precisar caso tenha que fugir, mas, como mamãe observou corretamente: Para onde você iria? (FRANK, 41 ed. 2017. p. 118).

Em outra ocasião destes momentos de como o mundo lhe parece, nossa Anne diz em desabafo e emoção:

Estou tomando valeriana todos os dias para controlar a ansiedade e a depressão, mas isso não impede que me sinta ainda mais infeliz no dia seguinte. Uma boa gargalhada ajudaria mais que dez gotas de valeriana, mas quase esquecemos aqui, como se gargalha. Às vezes, tenho medo que meu rosto fique flácido com toda esta tristeza e que minha boca fique caída para sempre nos cantos. Os outros não estão em situação melhor. Todo mundo anda apavorado com o grande terror conhecido como inverno. (FRANK, 41 ed. 2017. p. 156).

Em Filosofia Clínica afetividade se liga ao Tópico Emoções, assim como o antagonismo entre alegria ou tristeza. Um desafio constante para o filósofo.

Observa-se sua reiterada expressão concernente ao Tópico Emoções, seguindo a metodologia da Filosofia Clínica, sendo possível perceber bem este tópico, quando ela fala do seu amor ao pai: “Meu pai, o pai mais adorável que conheço”.

(FRANK, 41 ed. 2017, p. 20).

Ou mais adiante quando ela diz:

Mamãe está sempre me perguntando com quem eu vou me casar quando eu crescer, mas aposto que ela nunca vai adivinhar que é com Peter, porque eu mesma tirei esta ideia da cabeça dela, rapidamente. Amo o Peter como jamais amei alguém, e digo a mim mesma que ele só sai com todas aquelas garotas para esconder o que sente por mim. Talvez pense que eu e Hello estejamos apaixonados, o que não é verdade. Ele é só um amigo, ou, como diz mamãe, um galã. (FRANK, 41 ed. 2017. pp. 29 e 30).

Em outros pontos de sua historicidade, Anne relata momentos que se enquadra no Tópico Emoções, quando ela diz:

Não poder sair me deixa mais chateada do que eu posso dizer, e me sinto aterrorizada com a possibilidade de nosso esconderijo ser descoberto e sermos mortos a tiros. Esta, claro, é uma perspectiva muito desalentadora. (FRANK, 41 ed. 2017. p. 42).

Papai é sempre tão bom! Ele me entende perfeitamente, e eu gostaria que algum dia pudéssemos falar de coração para coração, sem que eu caia no choro. (FRANK, 41 ed. 2017. p. 44).

Mamãe me deu outro daqueles sermões horrorosos hoje de manhã. Nós temos uma visão oposta com relação a tudo. Papai é um doce; ele pode ficar furioso comigo, mas isso nunca demora mais do que cinco minutos. (FRANK, 41 ed. 2017. p. 47).

Em mais outro depoimento com ênfase na emoção em referência específica aos pais:

Hoje, mamãe e eu tivemos uma discussão, digamos assim, mas a parte chata foi que eu caí no choro. Não consigo evitar. Papai é sempre tão bom comigo e, além disso, me entende muito melhor. Nestas horas, não suporto a mães. É óbvio que sou uma estranha para ela: ela nem sabe o que penso sobre as coisas mais simples. (FRANK, 41 ed. 2017.p. 56).

Nesta mesma situação pode-se também entender relacionamento ao Tópico Pre-juízos, pois o que se apresentou poderia até ser uma verdade subjetiva.

Algumas situações aconteceram em que a partilhante, coloca sua emoção declarada no papel, expondo seu íntimo e sua capacidade de escolha num misto de Esteticidade, colocando para fora aquilo que ela sente e que se encontra na

Metodologia também com sendo um “Submodo”, relacionado ao Tópico Semiose, quando entender-se ser uma forma de expressão utilizada pela partilhante:

Consigo imaginar a mamãe morrendo algum dia, mas a morte do papai parece inconcebível. É muita ruindade minha, mas é assim que me sinto. Espero que a mamãe nunca leia isso ou qualquer outra coisa que escrevi. (FRANK, 41 ed. 2017. p. 67).

Neste ponto a seguir observam-se as questões ligadas ao Tópico Emoções com um misto de desespero e emoção:

Me deixem sair para onde existem ar puro e risos grita! grita uma voz dentro de mim. Nem mesmo me incomodo mais em responder, só fico deitada no divã. O sono faz o silêncio e o medo terrível irem embora mais depressa, ajuda a passar o tempo, já que é impossível matá-lo. (FRANK, 41 ed. 2017.p. 161).

Estamos trancados nesta casa como se fossemos leprosos, especialmente durante o inverno, o Natal e os feriados de Ano-Novo. (FRANK, 41 ed. 2017. p. 176).

Sou sentimental, sei disso. Sou dependente e boba, sei disso também. (FRANK, 41 ed. 2017. p. 225).

O constante Padrão nos relatos de Anne se faz muito presente quando atenta-se em suas “falas” observados sob o prisma do Tópico Emoções. Eis outras situações em que os Filósofos Clínicos podem, pela sua estreita observação, escutatória ver a correlação com os ensinamentos trazidos pelo Professor Lúcio Packter, como a seguir:

Amor o que é o amor? Não creio que se possa realmente pôr em palavras. Amor é entender alguém, se importar, compartilhar. Você compartilha alguma coisa, dá alguma

coisa e recebe algo em troca, seja ou não casada, tenha ou não tenha filho. Perder a virtude não importa desde que você saiba que enquanto viver terá ao lado alguém que a compreenda e que não precisa ser dividido com ninguém mais. (FRANK, 41 ed. 2017. p. 228).

Graças a Deus os outros não percebem nada dos meus sentimentos mais íntimos, só veem que eu fico cada vez mais fria e cada vez desprezo mais a mamãe, sou menos afetuosa com papai e menos disposta a compartilhar um simples pensamento com Margot; estou mais tensa que um tambor. Acima de tudo, tenho que manter meu ar de confiança. Ninguém deve saber que meu coração e minha mente estão sempre em guerra um com o outro. Até agora a razão vem ganhando a batalha, mas será que minhas emoções não vão acabar dominando? Algumas vezes temo que sim, porém com mais frequência acabo esperando que sim. (FRANK, 41 ed. 2017. p. 247).

Em Filosofia Clínica, na Estrutura de Pensamento, o Tópico: “Buscas” diz respeito aos caminhos existenciais de uma pessoa. Tratam também de seus sonhos e suas propensões. Em outras palavras seria como dizer: Aonde vai a pessoa? O partilhante ao historiar sua vida, fornece elementos que apontam um percurso.

Muitos termos podem ser vistos como “Buscas”: vontade, querer, desejar, permitir, retornar, começar, pretender, tentar, enfim, buscar. Algumas vezes o Filósofo Clínico pode perceber ao examinar a historicidade e os possíveis enraizamentos, que o partilhante pode até se enganar e declarar alguma determinação de algumas de suas buscas, porém pode ser apenas um anseio momentâneo.

Observa-se como se faz claro esta situação quando da identificação deste Tópico, nestas “falas” da partilhante Anne:

Tenho vontade de escrever e uma necessidade ainda maior de desabafar tudo o que está preso em meu peito. O papel tem mais paciência do que as pessoas. Pensei neste ditado num daqueles dias em que me sentia meio deprimida e estava em casa, sentada, com o queixo apoiado nas mãos, chateada e inquieta, pensando se deveria ficar ou sair. No fim, fiquei onde estava, matutando. É, o papel tem mais paciência, e como não estou planejando deixar ninguém mais ler este caderno de capa dura que costumamos chamar de diário, a menos que algum dia encontre um verdadeiro amigo, isso provavelmente não vai fazer a menor diferença. Agora voltei ao ponto que me levou a escrever um diário: não tenho um amigo. (FRANK, 41 ed. 2017. pp. 18 e 19).

Sou minha crítica melhor e mais feroz. Sei o que é bom e o que não é. A não ser que você escreva, não saberá como é maravilhoso; eu sempre reclamava de não conseguir desenhar, mas agora me sinto felicíssima por saber escrever. E, se não tiver talento para escrever livros ou artigos de jornal, sempre posso escrever para mim mesma. Mas quero conseguir mais do que isso. Não consigo me imaginar vivendo como mamãe, a Sra. Van Daan e todas as mulheres que fazem o seu trabalho e depois são esquecidas. Preciso ter alguma coisa além de um marido e de filhos aos quais me dedicar! Não quero que minha vida tenha passado em vão, como a maioria das pessoas. Quero ser útil ou trazer alegria a todas as pessoas, mesmo àquelas que jamais conheci. Quero continuar vivendo depois da morte! E é por isso que agradeço tanto a Deus por ter me dado esse dom, que posso usar para me desenvolver e para expressar tudo o que existe dentro de mim. Quando escrevo, consigo afastar todas as preocupações. Minha tristeza desaparece, meu ânimo renasce. Mas é esta a questão – será que conseguirei escrever alguma coisa importante, será que me tornarei jornalista ou escritora? Espero, ah espero muito, porque escrever me permite registrar tudo, todos os meus pensamentos, meus ideais e minhas fantasias. (FRANK, 41 ed. 2017. pp. 278 e 279).

Em outra declaração a partilhante diz:

E outra coisa. Há muito tempo você sabe que meu maior desejo é ser jornalista, e mais tarde uma escritora famosa. Teremos que esperar para ver se essas grandes ilusões (ou desilusões) irão se cumprir, mas até agora não sinto falta de assunto. De qualquer modo, depois da guerra, eu gostaria de publicar um livro chamado O Anexo Secreto. Resta ver se conseguirei, mas meu diário pode servir de base. (FRANK, 41 ed. 2017. p. 326).

Estes depoimentos mostram com clareza sua “Busca” como é denominado em Filosofia Clínica e também pode ser encaixado em outras situações da natureza dos Tópicos de sua Estrutura de Pensamento, e aí podem se incluir os Submodos Busca e também Esteticidade Bruta, quando ela coloca seus sentimentos “para fora” sem se controlar, ou ainda o Tópico Semiose, como sua forma de expressão e também o Tópico Expressividade, quando ela decide colocar seletivamente sua expressão, não para uma pessoa, mas sim para seu diário.

No contexto Expressividade, que é um dos tópicos da Estrutura de Pensamento, tem o significado daquilo que flui das pessoas em direção aos outros e daquilo que permanece com ela. Algumas pessoas conseguem se soltar com outras pessoas, mas outras não conseguem e se fecham como é o caso desta partilhante, que usa seu diário para se soltar. Esta condição de expressividade pode ser baseada na seletividade, ou seja, selecionando e optando quando se abrir e para com quem se abrir. Neste sentido pode-se ver o que diz Anne ao seu Diário:

Espero poder contar tudo a você, como nunca pude contar a ninguém, e espero que você seja uma grande fonte de conforto e ajuda. (FRANK, 41 ed. 2017.p. 13).

E nestas tantas declarações, para a observação do Filosofo Clínico, às vezes se mesclam vários outros tópicos: por exemplo, o de Papel Existencial, de como o mundo me parece, O que acha de si mesmo, transformando em comportamento Padrão, juntando ainda as Emoções, como no texto a seguir:

Estou explodindo de raiva, mas não posso demonstrar. Gostaria de gritar, bater os pés, dar uma boa sacudida em mamãe, chorar e não sei o quê mais por causa das palavras horríveis, dos olhares de ironia e das acusações que ela me faz, dia após dia; coisas que me furam como flechas lançadas por um arco muito retesado e que são quase que impossíveis de serem retiradas de meu corpo. Gostaria de gritar com mamãe, com Margot, com os van Daan, com Dussel e com papai também: me deixem em paz, deixe que eu tenha pelo menos uma noite sem chorar até dormir com os olhos ardendo e a cabeça latejando. Deixe que eu vá embora, embora de tudo, embora deste mundo. Mas não posso fazer isso. Não posso deixar que eles vejam minhas dúvidas, nem as feridas que me causaram. Não consegui suportar sua simpatia ou seu escárnio bem humorado. Isso só me faz ter mais vontade de gritar. Quando falo, todo mundo acha que estou querendo aparecer, que sou ridícula quando fico quieta, insolente quando respondo inteligente quando tenho uma boa ideia, preguiçosa quando estou cansada, egoísta quando como um pouquinho mais do que deveria, imbecil, covarde, calculistas e outros adjetivos. O dia inteiro só ouço dizerem como sou uma criança irritante, e apesar de rir e fingir que não me importo, eu me importo, sim. Gostaria de pedir a Deus que me desse outra personalidade, uma que não criasse antagonismos com todo o mundo. Mais isso é

impossível. Estou presa ao caráter com o qual eu nasci e, mesmo assim, tenho certeza que não sou má pessoa. Faço o máximo para agradar a todos, mas do que eles suspeitariam em milhão de anos. Quando estou no andar de cima, tento rir porque não quero que vejam meus problemas. Mais de uma vez, depois de uma série de repreensões absurdas, falei rispidamente com mamãe: - Não me importo que você diz. Porquê não lava as mãos? Eu sou um caso perdido. Claro que ela diz para eu não responder e me ignora durante dois dias. Depois, de repente, tudo é relevado e ela me trata como trata todo mundo. Prá mim, é impossível ser sorridente num dia e venenosa no outro. Eu preferiria o meio-termo de ouro, que não é tão dourado assim, e guardar para mim os meus pensamentos. Talvez algum dia eu trate os outros com o mesmo desprezo com que eles me tratam. Ah, se pudesse! (FRANK, 41 ed. 2017. pp. 99 e 100).

Numa sessão de Filosofia Clínica, o filósofo precisa ter sempre muita atenção aos detalhes e sempre, sempre ouvir muito mais que falar. Observem estas palavras da partilhante, que seguindo a metodologia, se enquadraria em alguns tópicos na sua Estrutura de Pensamento, precisamente quando ela expõe seu Papel Existencial, tentando organizar as vizinhanças, se aproximando do que é determinante, e buscando potencializar a harmonia, congregando Esteticidade Bruta, Semiose e o próprio Exercício Existencial:

Não quero mais incomodar você com velhos nojentos. Além do mais, isso não adianta nada. Meus planos de vingança, como desatarraxar uma lâmpada, trancar a porta e esconder suas roupas, têm que ser abandonados em nome da paz, o que é uma pena. Ah, estou ficando sensível! Aqui precisamos ser razoáveis com tudo o que fazemos: estudar, ouvir, controlar a língua, ajudar os outros, ser gentis, ceder, e não sei mais o quê! Tenho medo de que meu bom senso, que, para começar, não é muito, se esgote rápido demais e eu não tenha mais sobrando quando a guerra acabar. (FRANK, 41 ed. 2017.p. 97).

Durante as exposições do Prof. Lúcio e da Prof^a Carla, para quem busca o sentido maior do aprendizado, utilizando sua atenção focada e sem perder, contudo a ênfase dita por estes Mestres, entende-se que o Filósofo Clínico quando em atuação de suas clínicas, tem que ter sempre muita atenção em todos os detalhes, percebendo as nuances nas “falas” de seu partilhante e a sutileza dos momentos de encaixe e combinações na Estrutura de Pensamento, Tópicos e Tábua de Submodos. É comum que entre os Tópicos e a Tábua de Submodos exista muita congruência e cruzamentos. Usando os conteúdos da Metodologia da Filosofia Clínica, durante a escutatória da historicidade encontra-se a oportunidade de entender e observar as tênues diferenças entre os 30 tópicos da Estrutura de Pensamento. Um bom exemplo é o “Tópico 23 – Ação” que na verdade não seria exatamente como pode parecer o título; um conceito puro da ação no sentido do agir e fazer, pois estes conceitos são muito mais ligados ao Tópico 24 – Hipóteses. O entendimento do Tópico 23 - Ação, como é estudada em relação ao pensamento, em Filosofia Clínica, diz respeito ao movimento dos conceitos. Diz respeito à arquitetura do pensar e se presta mais ao estudo da fisiologia do que da anatomia, uma vez que existe movimento em geral. E ainda está muito mais no sentido de imaginar, com o devaneio e o pensamento sobre o agir, ideias e sobre conceitos, assim como pode se observar na seguinte fala da partilhante:

Agora estamos perdidos – eu disse, e tive visões de nós todos sendo arrastados naquela mesma noite pela Gestapo. (FRANK, 41 ed. 2017. p. 284).

Outro tópico interessante e de sutil presença é o de número 17 – Armadilha Conceitual, pois diz respeito a uma trama de conceitos, a uma associação de conceitos que tem como característica o aprisionamento da pessoa. Somente com a observância a historicidade é que o Filósofo Clínico pode perceber esta armadilha. Para algumas pessoas a morte não é uma armadilha conceitual, mas sim uma libertação. Para outras pessoas, a vida é que é uma armadilha conceitual, pois a pessoa vive uma vida qualitativamente muito ruim. Para melhor entender este raciocínio, é bastante “ouvir” esta “fala” a seguir:

Eu me perguntei várias vezes se não teria sido melhor não termos nos escondidos, se estivéssemos mortos agora e não tivéssemos de passar por toda essa desgraça, especialmente para que os outros fossem poupados desse fardo. Mas nos encolhemos só de pensar. Ainda amamos a vida, ainda não esquecemos a voz da natureza e continuamos com esperança de... tudo. Que aconteça alguma coisa logo, até mesmo um ataque aéreo! Nada pode ser mais esmagador do que essa ansiedade. Que chegue o fim, mesmo sendo cruel; pelo menos saberemos se vamos ser vencedores ou vencidos. (FRANK, 41 ed. 2017.p. 339).

Na coletânea de “falas” da partilhante Anne, são apresentadas aquelas situações transformadas como sendo seus padrões comportamentais, com suas declarações e encaixes mais visíveis e observáveis na Metodologia da Filosofia Clínica do Prof. Lúcio Packter.

3 EXAME DAS CATEGORIAS

Com base na escuta e anotações nas aulas do Prof. Lúcio, o Exame das Categorias é um dos primeiros passos no processo de análise após a escuta da historicidade. Neste exame é possível conseguir compreender de forma mais concreta, onde naquele mundo, onde naquela historicidade, a partilhante vivenciou, experienciou, sentiu, todo o processo do andamento de sua vida relatada, exatamente naquele período. O Exame das Categorias é o nome dado ao processo de localizar existencialmente a pessoa no mundo. Esse processo é feito explorando as cinco categorias: assunto (imediate e último), lugar, tempo, relação e circunstância.

“Damos o nome de Exames Categorias à localização existencial da pessoa: idioma, costumes, país, época, relações próximas, pertinências políticas, sociais e religiosas.”
(PACKTER, Caderno A, p.13)

Com base em pesquisas diversas na Internet, meios de comunicação, visita “in loco” na busca de informações da historicidade não detalhada no livro base da pesquisa: “O Diário de Anne Frank”, e inclusive relato de seus coautores será exposto ao final deste trabalho um contexto de múltiplas fontes e organizados segundo o entendimento dos autores, sem, contudo

terem sido copiados e sim pesquisados, lidos, entendidos e transformados nos textos que relatam a história da partilhante.

3.1 CATEGORIA ASSUNTO

Na Metodologia criada pelo Professor Lúcio Packter, e em suas aulas para atuação na Filosofia Clínica, é possível ter o entendimento de que Assunto Imediato é um dos itens dos Exames Categroriais, ou seja, assunto imediato é o motivo que leva a pessoa para a clínica. É a razão pela qual busca o filósofo, como o próprio nome diz de imediato. Na história de Anne identificamos a seguinte expressão:

O papel tem mais paciência do que as pessoas. Agora voltei ao ponto que me levou a escrever um diário: não tenho amigo. (FRANK, 41 ed. 2017, p.19)

Percebe-se na fala da partilhante, a sua “declaração” daquilo que seria o motivo (assunto imediato), quando ela diz que acreditava que mais tarde, em tempos futuros, ninguém se interessaria pelos pensamentos escritos por uma garota de 13 anos. Mas, no entanto, a sua vontade de escrever era uma necessidade ainda maior, que ultrapassa este momento de desacreditação própria, inclusive com ela nem se importando se alguém fosse ler. O que lhe valia era que ela se sentia muito bem, escrevendo. Este raciocínio percebe-se no momento em que, mesmo quando ela se sentia deprimida, ela pensava e chegou a exteriorizar que “o papel tem mais paciência que as pessoas”.

O seu diário recebeu o nome de “Kitty” e assim Anne a considerava como sua melhor amiga. Percebe-se que o assunto imediato de Anne Frank foi o que a levou a escrever um diário pela situação de não ter um amigo para esta finalidade.

Kitty, desde que chegou à vida de Anne teve importância real na vida dela, observável pelo fato de ela ter verdadeira paixão pelo hábito de escrever, tendo assim como uma necessidade. Anne continua com suas conversas com seu diário, dizendo de sua importância:

Pouco depois das sete horas, fui ver papai e mamãe e, depois dar bom dia à mamãe e ao papai, e, depois, fui à sala abrir meus presentes e você foi o primeiro que vi, talvez um dos meus melhores presentes. (FRANK; 41 ed. 2017. p.14)

Até agora você tem sido um grande apoio para mim, como também tem sido Kitty, pra quem tem escrito com regularidade. Esse modo de manter um diário é bem melhor, e agora mal posso esperar os momentos de escrever em você. Ah, estou tão feliz de ter você comigo (FRANK; 41 ed. 2017. p.13)

Mais adiante, nas buscas de informações que fundamentem essa Categoria, encontram-se trechos onde a partilhante conta em seu diário, o modo como ela se sentia em relação a ter alguém fisicamente para compartilhar o próprio mundo:

Jacqueline van Maarsen é, talvez, minha melhor amiga, mas nunca tive uma amiga de verdade. No começo achei que Jacque seria uma, mas estava redondamente enganada. (FRANK; 41 ed. 2017. p.15)

Espero poder contar tudo a você, como nunca pude contar a ninguém, e espero que você seja uma grande fonte de conforto e ajuda. (FRANK, 41 ed. 2017. p.11)

Já o item “Assunto Último”, conforme o Professor Lúcio, se diferencia de assunto imediato, pois ele pode ser apresentado durante o processo de historicidade na terapia. Nem sempre o assunto imediato coincide com o assunto último, embora possam concordar sendo importante à escuta cuidadosa no relato do partilhante. O assunto último já está no contexto, ele vai aparecendo com a fala do partilhante:

Faz alguns dias que não escrevo porque eu quis, antes de tudo, pensar neste diário. É estranho uma pessoa como eu manter um diário; não apenas por falta de hábito, mas porque me parece que ninguém — nem eu mesma — poderia interessar-se pelos desabaços de uma garota de treze anos. Mas que importa? Quero escrever e, mais do que isso, quero trazer à tona tudo o que está enterrado bem fundo no meu coração. (FRANK, 39 ed.2017. p.18)

Daí, este diário. A fim de destacar na minha imaginação a figura da amiga por quem esperei tanto tempo, não vou anotar aqui uma série de fatos corriqueiros, como faz a maioria. Quero que este diário seja minha amiga e vou chamar esta amiga de Kitty. Mas se eu começasse a escrever a Kitty, assim sem mais nem menos, ninguém entenderia nada. Por isso, mesmo contra minha vontade, vou começar fazendo um breve resumo do que foi minha vida até agora. (FRANK, 39 ed. 2017. p.19)

3.2 CATEGORIA LUGAR

De acordo com a Metodologia da Filosofia Clínica, existe outra categoria, ou seja, a Categoria Lugar que não está relacionada somente ao lugar geográfico, está relacionado também a lembranças de lugares que trazem boas recordações, independente das condições.

Durante as pesquisas foram identificados (papel do Filosofo Clínico) vários pontos onde a partilhante trazia recordações de lugares vividos, onde queria estar, assim como no tempo da escola, ou quando e onde vivia com sua avó.

“Nesta Categoria mensuramos como a pessoa se sente (portanto, suas sensações) e o que (portanto, a representação mental, intelectual, que criou para si mesmo) a propósito do ambiente onde está inserida.” (PACKTER, Caderno A. p.31)

Durante sua história, Anne, faz referência de vários lugares que foram importantes:

E quanto a nós, somos bastantes felizardos. Temos mais sorte que milhões de pessoas. Aqui é calmo e seguro e estamos usando o nosso dinheiro para comprar comida. Somos tão egoístas que falamos sobre “depois da guerra” e ficamos ansiosos por roupas e sapatos novos, quando deveríamos estar economizando cada centavo para ajudar os outros quando a guerra terminar, para salvarmos o que pudermos. (FRANK, 41 ed.2017. p.98)

O melhor remédio para os amedrontados, solitários ou infelizes é sair, ir a um local onde possam ficar a sós, com o céu, a natureza e Deus. Só então você pode sentir que tudo é como deveria ser, e que Deus deseja a felicidade das pessoas em meio a beleza e a simplicidade da natureza. (FRANK, 41 ed. 2017 p.222)

Minha vida aqui ficou melhor, muito melhor. Deus não me abandonou, e nunca abandonará. (FRANK, 41 ed. 2017 p.275)

Mesmo entendendo que neste caso não é um processo normal de clínica filosófica, pelos motivos já esclarecidos, durante a escuta da historicidade da partilhante Anne, mesmo sem a possibilidade de enraizamentos, destacou-se o item Lugar nos Exames Categoriais e do item Deslocamento Curto da Tábua de Submodos da metodologia do Prof. Packter, quando alteram fisicamente a Estrutura de Pensamento dela, e relatados como apesar do momento aflitivo que ela passava, ainda conseguia localizar lugares e situações onde ela se sentia bem, senão observe-se:

Pulamos de alegria. Depois dos acontecimentos horríveis de ontem, finalmente alguma coisa boa acontece e nos traz... Esperança! Esperança de um fim para a guerra, esperança de paz. (FRANK, 41 ed. 2017. p.135)

3.3 CATEGORIA TEMPO

Já a Categoria Tempo contempla os tempos verbais empregados pela partilhante durante a clínica.

“Interessa saber qual o relacionamento entre o tempo convencional (afixado no relógio) e o tempo subjetivo. O tempo realmente considerável é o que a pessoa tem representado em si mesma. Esta Categoria também deve ser tomada associada às demais. Ela informa com a pessoa relaciona seu código temporal interno em direção ao tempo convencional na sociedade humana.” (PACKTER, Caderno A. p. 34 e 35)

“As singularidades revelam maneiras diferentes de representar também o tempo. Existe um tempo que dura e o tempo que passa. Momentos de intensa felicidade podem ser muito breves, enquanto que momentos de pânico, angústia, dor e desconforto podem ter uma longa duração na forma de vivenciar de diferentes pessoas.” (DI PAULO e NIEDERAUER, Caso Nina, 1ª ed, p.106)

Trazendo o conceito da Categoria Tempo para a análise da historicidade de Anne, nota-se que aconteceram momentos em que ela compartilha frases, passagens que relatam exatamente este “Tempo” nos exames categoriais:

A segunda metade do ano foi ligeiramente melhor. Virei uma adolescente, e fui tratada como uma pessoa mais crescida. (FRANK, 41 ed. 2017. p.236)
Querida Kitty, o ministro Bolkestein, falando no noticiário holandês, transmitido da Inglaterra, declarou que depois da guerra, farão uma coletânea de diário e cartas que falem da guerra. Claro que todo mundo se lembrou imediatamente do meu diário. Imaginem como seria interessante se eu publicasse um romance sobre o Anexo Secreto. Só o título fariam as pessoas acharem que é uma história de detetives. (FRANK, 41 ed. 2017. p.272)

3.4 CATEGORIA CIRCUNSTÂNCIA

A Categoria Circunstância são situações, histórias da vida do partilhante que são destacados durante a historicidade. A isso se chama de singularidades, que podem ser pais

presentes ou ausentes, escolaridade, oportunidades, doenças ou limitações físicas, vida social, desenvolvimento da espiritualidade, condição financeira, vida rural ou urbana, vizinhanças, tempo de paz ou de guerra. Esta opinião foi formada também com a leitura sobre Categoria Circunstância do Compêndio de Filosofia Clínica, Caso Nina além da seguinte instrução do próprio autor da Filosofia Clínica:

“A Categoria Circunstância é o somatório de singularidades que acompanham uma situação. Aqui se levantam as variáveis pertinentes, próximas e longínquas, tudo o que o clínico julga necessário para situar a pessoa dentro de um quadro mais nítido.” (PARCKTER, Caderno A. p. 26 e 27)

Anne fala em vários momentos da sua vida no esconderijo. Também relata o que sente e o que se passa naqueles momentos, senão vejamos:

Simplesmente não consigo imaginar que o mundo volte a ser normal para nós. Falam sobre depois da guerra, mas é como se estivesse falando de castelo no ar, de uma coisa que pode nunca acontecer. (FRANK, 41 ed. 2017. p.166)

Anne também fala também do pensamento e sentimento que ela tem em relação ao que esta acontecendo, naqueles momentos:

O trecho perfeitamente redondo onde estamos ainda é seguro, mas as nuvens se aproximam, e os círculo entre nós e o perigo que se aproxima está se apertando cada vez mais. Estamos rodeados por escuridão e perigo, e, em nossa busca desesperada por uma saída, vivemos nos chocando uns contra os outros. Olhamos as lutas lá embaixo e a paz e a beleza lá em cima. Enquanto isso somos cortados pela massa de nuvens, de modo que não podemos nem subir e nem descer. Ela paira diante de nós como uma parede impenetrável, tentando nos esmagar, mas ainda sem conseguir. Só posso chorar e pedir: “Ah, círculo, círculo abra e nos deixe sair”! (FRANK 41 ed. 2017. p.167)

Ah, Peter, se ao menos eu pudesse ajudá-lo, se ao menos você deixasse! Juntos poderíamos banir a solidão, a sua e a minha.” (FRANK, 41 ed. 2017. p.233)

3.5 CATEGORIA RELAÇÃO

A Categoria Relação são as pessoas, objetos, instituições, animais, que fazem parte do mundo da partilhante, inclusive a relação consigo própria. Durante a sua historicidade percebe-se a forma como essas relações vão sendo enumeradas. Algumas relações podem ser determinantes na vida da partilhante, outras podem ter pouco ou nenhuma interferência, o que só será sabido durante o processo clínico.

“A Relação é a qualidade estabelecida quando da Interseção. É uma especialização dos jogos comunicativos. Em conformação com o Lugar, Tempo e Circunstância, a Relação é sempre específica e individual.” (PARKTER, Caderno A. p. 38 e 39)

Anne em momentos no seu diário, fala da relação que tem com os pais, com a irmã, com animais de estimação e coisas:

Tive um consolo, por pequeno que fosse: minha caneta-tinteiro foi cremada, como eu gostaria de ser um dia". (FRANK, 41 ed. 2017. p.169)

Mamãe me deu outro de seus sermões horrorosos hoje de manhã. Nós temos uma visão oposta em relação a tudo. Papai é um doce; ele pode ficar furioso comigo, mas isso nunca demora mais que cinco minutos. (FRANK, 41 ed. 2017. p.47)

Ultimamente mamãe e eu estamos nos dando melhor, mas nunca ficamos íntimas. Papai não é muito aberto com relação aos seus sentimentos, mas é a mesma doçura de sempre. Margot é uma nojenta (não há outra palavra), uma fonte de irritação constante, de manhã, e tarde e de noite. (FRANK, 41 ed. 2017. p.78)

4 DADOS DIVISÓRIOS

Os dados divisórios é a forma como o Filósofo Clínico faz, a divisão da história do partilhante, após ouvir a história de vida. Os dados divisórios servem pra fazer as correções e aquisição de mais dados, pois ao contar a história, o partilhante poderá optar por uma linha de raciocínio, deixando de lado importantes elementos vividos.

“Os Dados Divisórios servem para maior entendimento das questões esparsas, quebradas do contexto, espalhadas e fragmentadas sem um canto de pouso e de referência. Eles dão consistência às informações anteriores, dirimem dúvidas, explicam minúcias das experiências vividas”. (PACKTER, Caderno J. p.12)

Os dados divisórios da historicidade da partilhante Anne Frank foram feitos da seguinte forma: no primeiro momento estudar a história dela, do seu nascimento em 1929 a 1942, período em que só se pode contar com os relatos históricos, não havendo palavras ditas diretamente pela partilhante e por esta razão sem os comentários e destaques de autoria da Anne, e no segundo momento, estudar as situações de quando ela e sua família se esconderam, em julho de 1942, até serem descobertos no esconderijo Anexo Secreto em agosto de 1944, etapa esta já contemplada com registros históricos da mesma autoria já referenciada e também com seus recortes e vivencias registrados pela própria Anne.

4.1 PRIMEIRO MOMENTO

O primeiro momento é o resumo da época que antecedeu ao período da mudança para o esconderijo onde Anne passou 25 meses, relatado historicamente pelos coautores da obra O Diário de Anne Frank.

4.2 SEGUNDO MOMENTO

O segundo momento da divisão dos dados da historicidade de Anne Frank, serão apresentados os dados, fatos, situações, que ocorreram no período em que ela esteve aprisionada no Anexo Secreto, ora contada pela partilhante, ora relatados pelos coautores.

Esta é a descrição original redigida pela partilhante, do prédio e do seu esconderijo:

Eis uma descrição do prédio: no andar térreo há um grande armazém que é usado como depósito. A porta da frente da casa fica ao lado da porta do armazém. Do lado de dentro da porta principal há um corredorzinho que leva a uma escada. No topo da escada há outra porta de vidro fosco onde está escrito ESCRITÓRIO com letras pretas. Esse é o escritório principal, grande, bem-iluminado e espaçoso. Elli, Miep e o sr. Koophuis trabalham ali durante o dia. Um pequeno quarto escuro contendo o cofre, um guardaroupa e um armário grande conduz a um segundo escritório, um tanto escuro também. Aqui costumam ficar o sr. Kraler e o sr. Van Daan; agora, só o sr. Kraler. Por um corredor pode-se chegar ao escritório do sr. Kraler, mas é preciso atravessar uma porta de vidro que se abre por dentro, sendo muito difícil abri-la pelo lado de fora. (FRANK, 39 ed. 2017. pp.36,37)

Anne faz as seguintes colocações sobre este momento:

Mamãe, papai e Margot não conseguem se acostumar com o relógio de Westertoren, que marca as horas a cada quinze minutos. Eu já me acostumei. Aliás, gostei muito dele desde o primeiro dia; à noite, então, parece um amigo fiel. Imagino que você vai querer saber como se sente uma pessoa que "desaparece". Pois confesso que eu também ainda não sei. Acho que neste lugar nunca vou me sentir realmente em casa, o que não significa, porém, que eu o deteste. Sinto como se estivesse em férias, morando em uma pensão esquisita. Talvez seja uma comparação meio doida, mas é assim que eu sinto. O Anexo Secreto é o esconderijo ideal. (FRANK, 39 ed. 2017. p.40)

A partilhante deixou um vasto número de comentários, sentimentos, sofrimentos, e até pequenas alegrias, como relatou, em observações com relação ao seu período de vida no Abrigo Secreto. Mostrou-se com clareza para observadores e ou leitores, como infeliz, triste, acuada, sem sentido para a vida, sentimental, amorosa, amiga, raivosa, sonhadora, escritora, filha, irmã, neta, adolescente, criança traquina, e muitos outros “seres e estares”, mas sem nunca perder a fé, a esperança no fim da guerra e de suas atrocidades, seus sonhos enfim. A tradução destes comentários reflete quase todo o conteúdo do livro O diário de Anne Frank. A fim de deixar alguns deles salientados, registra-se a seguir uma sequência de suas “falas”:

Como posso me sentir triste enquanto isso existir pensei, esta luz e este céu sem nuvens e enquanto eu puder desfrutar essas coisas? (FRANK, 41 ed. 2017. p.222)

Hoje à noite tenho que tomar um banho, e amanhã. O amanhã está tão distante! (FRANK, 41 ed. 2017. p.259)

Tenho medo de mim, medo de que meu desejo faça com que eu me entregue cedo demais. (FRANK, 41 ed. 2017. p.306)

Mas agora pagamos o preço por tão pouco exercício físico; estamos tão rígidos que mal conseguimos virar a cabeça. A ginástica foi abandonada há muito tempo. (FRANK, 41 ed. 2017. p.139)

Se você lesse todas as minhas cartas de uma vez, ficaria espantada com o fato de terem sido escritas com disposições de ânimo tão diferentes. (FRANK, 41 ed. 2017. p.166)
 Enquanto isso existir – e deve existir para sempre – sei que haverá consolo para toda tristeza, em qualquer circunstância. Acredito firmemente que a natureza pode trazer consolo a todos que sofrem. (FRANK, 41 ed. 2017. p.222)
 É engraçado, mas as vezes consigo me enxergar como os outros me veem. Dou uma olhada tranquila na pessoa chamada Anne Frank e folheio as páginas de sua vida como se fosse uma estranha. (FRANK, 39 ed. 2017. p.199)
 Bom, chega de conversa. O fato de escrever me levantou um pouco das profundezas do desespero. (FRANK, 41 ed. 2017. p.177)

5 CONCLUSÃO

A partir da escolha pela história de Anne, foi realizada uma imersão nos dados que se tinha a disposição, ou seja, para composição da historicidade da partilhante, buscou-se exclusivamente na única fonte possível que teriam os dados e acessos, ou seja, na obra literária “O diário de Anne Frank”. Para o desenvolvimento deste trabalho, foram relatadas as impressões como se estivessem na atuação da missão/tarefa de um Filósofo Clínico, como se ela estivesse em um consultório, sendo a partilhante e para tanto foram aproveitadas e baseadas nas obras do Prof. Lucio Packter e outras descritas nas referencias deste trabalho.

Como já se comentou sobre a sua escrita, Frank examinou as suas relações com os membros de sua família, outros personagens, seus sonhos, seus anseios de liberdade, suas emoções, sua vida cotidiana e situações diversas e expôs seus sentimentos mais íntimos. Para efeito conclusivo, foram observadas diversas

“declarações” da partilhante, (bem como, em função de que ela oficialmente não esteve presente no consultório, pelos motivos óbvios e já relatados e da opção pela elaboração das pesquisas através de um livro que conta a história de Anne), como também os diversos registros históricos, contados, relatados e documentados pelos coautores incluindo se aí, o pai de Anne Frank e então, só depois destas observações, buscou-se entender sua história com “olhos e ouvidos” de um Filósofo Clínico, com base na metodologia criada e exposta pelo Professor Lucio Packter.

Em cinco de abril de 1944, em uma quarta-feira, Anne escreveu no seu diário que desejava se tornar uma jornalista:

Finalmente percebi que devo fazer os deveres de escola para não ficar ignorante, para continuar com a vida, para me tornar uma jornalista, porque é isso que eu desejo! Eu sei que posso escrever... mas resta saber se realmente tenho talento. (FRANK, 41 ed. 2017. p.278)
 E se eu não tiver talento para escrever livros ou artigos de jornais, sempre posso escrever para mim mesma. Mas eu quero conseguir mais do que isso. Não consigo me imaginar vivendo como minha mãe ou a Sra. van Pels e todas as mulheres que fazem o seu trabalho e depois são esquecidas. Preciso ter alguma coisa além de um marido e de filhos aos quais me dedicar! (FRANK, 41 ed.2017. p.279)
 Eu quero ser útil ou trazer diversão para todas as pessoas, mesmo aqueles que eu nunca conheci. Eu quero continuar vivendo mesmo depois da minha morte! E é por isso que eu sou tão grata a Deus por ter me dado este presente que eu posso usar para me desenvolver e expressar tudo o que está dentro de mim. (FRANK, 39 ed. 2017. p.279)

Quando eu escrevo, eu posso me livrar de todos os meus cuidados, minha tristeza desaparece, meus espíritos são revividos! Mas, e isso é uma grande questão, eu nunca vou ser capaz de escrever algo grande, eu nunca vou me tornar uma jornalista ou escritora? (FRANK, 39 ed. 2017. p.279)

Foi possível observar detalhes que demonstram seu interesse pelas letras: No aniversário de 12/06/42 o melhor presente que ela declara receber foi o Livro que veio a se transformar no seu Diário.

Em outra ocasião, 08/07/42 ela diz:

Margot e eu começamos a pôr nossos pertences mais importantes numa pasta da escola. A primeira que agarrei foi este meu diário... (FRANK, 41 ed. 2017. p.33)

Em 09/07/42 ela descreve com muita propriedade e riqueza de detalhes o prédio onde iriam morar e se esconder.

Em setembro de 1942 faz o seguinte relato literário e emocional:

Papai é sempre tão bom! Ele me entende perfeitamente, e eu gostaria que algum dia pudéssemos falar de coração para coração, sem que eu caia logo no choro. Mas acho que isto tem a ver com a minha idade. Eu gostaria de passar todo o tempo escrevendo, mas isso provavelmente acabaria sendo monótono. Até agora só contei meus pensamentos ao meu diário. Ainda não consegui escrever esquetes engraçados que mais tarde pudesse ler em voz alta. No futuro, vou dedicar menos tempo ao sentimentalismo e mais tempo à realidade. (FRANK, 41 ed. 2017. p.44)

Em 22 de janeiro de 1944 ela diz em outro relato, ao reler seu diário:

Fico tremendamente constrangida ao ler as páginas que falam de assuntos dos quais me lembro de como sendo muito melhores do que realmente foram. Minhas descrições são muito indelicadas... (FRANK, 41 ed. 2017. p.77)

Mas de todas as observações que ela mesma disse, a que mais causa surpresa é fato de imaginá-la uma escritora, que usava suas palavras para expor seus sentimentos mais profundos e secretos, e é este trecho a seguir que abre seu diário, e que veio a se tornar a sua melhor amiga e a quem ela passou a chamar de

“Kitty”:

Espero poder contar tudo a você, como nunca pude contar a ninguém, e espero que você seja uma grande fonte de conforto e ajuda. (FRANK, 41 ed. 2017. p.11)

Enquanto filósofos clínicos, e com a base em sua metodologia, tem se a possibilidade de proporcionar as condições éticas e modos humanizados de buscar junto ao partilhante a aproximação de sua singular Estrutura de Pensamento, seus modos de articulação e desenvolvimento. No caso de Anne o Tópico 15 da tabela de EP: “Semiose”, é determinante, ou melhor, foi na sua historicidade, principalmente ao entender quais foram as formas que Anne

utiliza para se expressar. Fato que possibilitou, por aproximação, e nunca exatidão, conhecer melhor os modos de estruturação singular e única da Estrutura de Pensamento da partilhante.

Foram estas partes dos relatos, ouvidos pelos postulantes a Filósofos Clínicos, que aqui foram apresentados como se tivessem sido ouvidos diretamente da partilhante, compondo o entendimento que se obteve para confecção deste Trabalho de Conclusão do Curso de Filosofia Clínica da Faculdade Católica de Anápolis. Apesar de não serem dados utilizados para compor o entendimento filosófico, apresenta-se a seguir dados da história que continua na narrativa do livro “O diário de Anne Frank”, que aparecem em relatos finais elaborados pelos coautores e outros editores (citados) que tiveram interesse pela história, e que se buscou estudar, ler e entender.

O diário de Anne Frank termina aqui. No dia 4 de agosto de 1944 a Polícia de Segurança alemã, acompanhada por alguns holandeses nazistas, deu uma batida no escritório geral, obrigando Kraler a revelar a entrada para o Anexo Secreto. Todos os seus ocupantes, assim como Kraler e Koophuis, foram presos. No dia 3 de setembro, os prisioneiros judeus, após um período em Westerbork (o principal campo de concentração alemão na Holanda), foram enviados, amontoados em vagões de gado, para Auschwitz, o mais famoso centro de exterminação, na Polônia ocupada. (Kraler e Koophuis ficaram em campos de concentração holandeses durante alguns meses, antes de serem libertados.) O Anexo Secreto foi saqueado e destruído durante a batida policial. Alguns dias depois, misturados aos jornais velhos e lixo espalhados pelo chão, um limpador encontrou os cadernos onde Anne escrevera seu diário. Não sabendo do que se tratava, entregou-os a Miep e Elli. As duas moças, durante um severo interrogatório alemão a que foram submetidas, negaram terminantemente sua ajuda ao pequeno grupo judeu, e assim foram liberadas e salvas. Tendo guardado cuidadosamente o diário de Anne, entregaram-no a seu pai, Otto Frank, na sua volta, após o término da guerra. Enquanto isso, os mais velhos do grupo adoeciam sob as terríveis condições de vida em Auschwitz. Van Daan foi mandado para a câmara de gás. Otto Frank escapou por um verdadeiro milagre, pois tinha sido enviado para um campo-hospital em novembro, e ali se encontrava ainda quando o campo foi libertado pelas forças soviéticas em 27 de janeiro de 1945. Juntamente com alguns poucos sobreviventes, ele foi removido para a Galícia e finalmente chegou ao porto de Odessa, no mar Negro, onde um navio neozelandês o conduziu de volta à Europa Oriental. Os outros prisioneiros do campo, cerca de onze mil, foram evacuados pelos alemães, à medida que os russos avançavam. Entre eles estava Peter van Daan, de quem nunca mais se teve notícia. A caminho de Odessa, Otto Frank soube por um amigo holandês que sua mulher morrera a 5 de janeiro. Quanto às duas meninas, foram enviadas para Bergen-Belsen, na Alemanha, dois meses após a morte da mãe. Ali Anne mostrou as mesmas qualidades de coragem e paciência na adversidade que a haviam caracterizado em Auschwitz. Em fevereiro de 1945, as duas irmãs contraíram tifo. Um dia, Margot, deitada numa enxerga ao lado da irmã, tentou levantar-se, mas, enfraquecida, caiu ao chão. No seu estado de doença e fraqueza, o choque foi mortal. A morte da irmã fez a Anne o que nada até então conseguira fazer: quebrantar seu espírito. Alguns dias depois, em princípio de março, Anne morreu. (FRANK, Circulo do Livro, São Paulo, Brasil Edição integral Título do original: "Het achterhuis" Tradução: Elia Ferreira Edel E-book: Digitalização: SCS,2015. p184.)

E baseados nestes e em outros diversos fatos descritos é que foi possível concluir este trabalho, com o olhar de Filósofo Clínico.

REFERÊNCIAS

FRANK, Anne. **O Diário de Anne Frank**. 39. ed. Rio de Janeiro: Edições BestBolso, 2017. p. 373.

FRANK, Anne. **O Diário de Anne Frank**. 41. ed. Rio de Janeiro: Edições BestBolso, 2017. p. 377.

FRANK, Anne. **O Diário de Anne Frank**. Circulo do Livro, São Paulo, Brasil Edição integral
Título do original: "Het achterhuis", 2015. p. 192, Tradução: Elia Ferreira Edel E-book:
Digitalização: SCS.

PACKTER, Lúcio. **Caderno A**: especialização em Filosofia Clínica. Porto Alegre: Instituto Packter, s.d.A.

PACKTER, Lúcio. **Ana e o Dr. Finkelstein**: Um caso tratado com Filosofia Clínica. 1. Ed. Rio e Janeiro: Wak Editora, 2006. p.138.

PACKTER, Lúcio. **Filosofia Clínica**: A filosofia no hospital e no consultório. 1. Ed. São Paulo: All Print Editora, 2008. p.128.

PAULO, Margarida Nichele Di; NIEDERAUER, Mariza Zambom. **Compêndio de Filosofia Clínica**: Caso Nina.1. ed. Rio de Janeiro: Editora Livre Expressão, 2013. p. 308.